

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL
CURSO: BACHARELADO EM HUMANIDADES – BHU**

CAMILA ARRUDA PEREIRA

**O “BULLYING” NO AMBIENTE ESCOLAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOBRE A
AUTO-ESTIMA DAS CRIANÇAS**

ACARAPE – CE

2018

CAMILA ARRUDA PEREIRA

O “BULLYING” NO AMBIENTE ESCOLAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOBRE A
AUTO-ESTIMA DAS CRIANÇAS

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades – BHU, vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras – IHL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Geranilde Costa e Silva.

ACARAPE – CE

2018

CAMILA ARRUDA PEREIRA

Projeto de Pesquisa - Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades sob a orientação da Profa. Dra. Geraniide Costa e Silva.

Aprovado em 12 de Janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Geraniide Costa e Silva

Prof.ª Dr.ª Geraniide Costa e Silva (orientadora)

Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Izabel Cristina dos Santos Teixeira

Prof.ª Dr.ª Izabel Cristina dos Santos Teixeira (examinadora)

Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Rosângela Ribeiro da Silva

Prof.ª Dr.ª Rosângela Ribeiro da Silva (examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	5
2.1. Objetivo Geral.....	5
2.2. Objetivos Específicos.....	5
3. PROBLEMA E JUSTIFICATIVA.....	5
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
5. METODOLOGIA.....	15
6. RESULTADOS ESPERADOS/RELEVÂNCIA SOCIAL.....	16
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo identificar o “Bullying” no contexto escolar, as formas como ocorre e quais poderiam ser as alternativas tomadas pela escola para conscientizar os alunos sobre a importância de conviverem pacificamente, de evitarem atitudes agressivas, tornando a escola um ambiente acolhedor, onde o aluno queira estar presente sem receio de conviver com os colegas.

Em 2015, o governo federal sancionou a Lei nº 13.185 criando o programa de combate a intimidação sistemática (“Bullying”), o qual considera como ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Partindo de tais aspectos, iremos refletir sobre as consequências físicas e psicológicas produzidas pela reprodução do “Bullying” no ambiente escolar.

Na atualidade observa-se constantemente a violência presente em nossa sociedade, em seus diferentes espaços e ambientes, o problema da violência está completamente inserido em nossas vidas. No ambiente escolar não acontece diferente, durante meu percurso escolar na Educação Básica observava que muitos estudantes, levados por motivos aparentemente sem importância, passavam a hostilizar os outros colegas de todas as formas encontradas, alguns não mediam esforços para intimidar, se divertiam à custa dos alunos mais tímidos, retraídos, que não conseguiam reagir as provocações recebidas e muitas vezes a maioria dos estudantes da turma eram coniventes com as intimidações e as vítimas, por medo dos agressores, acabavam por não procurarem ajuda dos pais ou da escola.

A escola é vista como um local onde deve haver reflexões sobre questões que envolvem crianças e jovens, que estão inseridos no ambiente escolar, também na escola, cabem reflexões que vão além de seus muros, ou seja, colocar em pauta questões presentes no ambiente em que os jovens encontram-se inseridos. Dessa forma, no âmbito escolar deve haver reflexões e discussões voltadas para a questão da violência entre pares, a escola, juntamente com os professores, deve conhecer e analisar os efeitos que condutas violentas e agressivas provocam naqueles indivíduos que sofrem “Bullying”, como: estímulo à vingança, medo, frustração, vergonha e tentativas e suicídio.

É de fundamental importância que os pais sejam conscientizados sobre o “Bullying”, como o mesmo ocorre e suas consequências, os professores conhecendo o “Bullying” podem

em sala de aula, local onde se dá a maior ocorrência de casos de “Bullying” no Brasil, intervir da maneira mais eficiente possível, a fim de evitar suas possíveis consequências para a vida dos indivíduos envolvidos e das pessoas de sua convivência. Assim sendo,

A identificação precoce do “bullying” pelos responsáveis (pais e professores) é de suma importância. As crianças normalmente não relatam o sofrimento vivenciado na escola, por medo de represálias e por vergonha. A observação dos pais sobre o comportamento dos filhos é fundamental, bem como o diálogo franco entre eles. Os pais não devem hesitar em buscar ajuda de profissionais da área de saúde mental, para que seus filhos possam superar traumas e transtornos psíquicos. (SILVA, 2010, p.14).

Realizarei observações em uma escola de Ensino Fundamental I, no município de Redenção- CE, por ser o contexto no qual estou inserida atualmente.

2. OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1. Objetivo Geral

- Identificar a ocorrência de “Bullying” no cotidiano de uma escola de ensino fundamental de Redenção (CE);

2.2. Objetivos Específicos

- Refletir sobre o “Bullying” na escola e suas consequências na vida dos estudantes e enfatizar a importância do papel dos atores que compõem o ambiente escolar no combate ao “Bullying” entre os alunos;
- Verificar junto aos professores se eles possuem conhecimento sobre o “Bullying” e como intervêm ao perceber um caso em sala de aula;
- Especificar como a escola se posiciona diante de casos de “Bullying”.

3. PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Sou natural da cidade de Itapiúna, município do interior do Ceará, onde sempre morei em uma pequena localidade na zona rural, com meus pais e irmãos. Estudei o ensino

fundamental em uma escola que ficava a alguns quilômetros de minha casa. Para chegar até lá, necessitava do transporte escolar, que a época era o chamado pau de arara, que transportava alunos de minha localidade e de outras para a escola. Nas salas de aulas não havia muitos alunos, pois se trata de um lugar sem muitos habitantes, e assim, eu estudava em turmas que tinham entre dez ou doze alunos. Por haver poucos estudantes na turma todos se conheciam e se davam bem, algumas vezes ocorriam alguns conflitos entre alguns, mas logo se resolvia.

Cursei o ensino fundamental e foi basicamente tranquilo sem muitos conflitos, pelo menos até a 7^o série (8^o ano). Neste período chegaram mais alguns alunos em nossa turma, vieram de uma escola próxima a que eu estudava, como lá também tinham poucos alunos, resolveram juntar as turmas.

Eu e alguns de meus colegas não mantínhamos um bom relacionamento com os novos alunos, eles desde o início demonstraram não gostar de nossa escola, diziam que só estavam lá porque eram obrigados, pois era o único colégio que tinha mais próximo de onde moravam. No entanto, havia outras escolas na cidade, porém eram mais distantes, talvez por isso seus pais os matricularam nessa escola. Eles reservaram-se em seu grupo e ficaram indiferentes a nós, aos professores e a escola. Diziam que sua antiga escola melhor, que os seus professores eram melhores que os nossos, colocavam apelidos pejorativos em mim e nos demais estudantes bem como em alguns professores. Ressalto que esse grupo de discentes tinha para comigo uma implicância muito grande, algo que ocorreu durante todo o ano letivo, mas não me deixei levar por suas indiferenças, continuei indo para a escola normalmente e tirando boas notas, como sempre fiz desde os primeiros anos naquela escola. Por sua vez, os docentes não procuraram intervir em nossa relação, ou seja, isso porque alguns só se importavam em dá o conteúdo das aulas. Já outros, não intervieram por não terem preparo para lidar com os conflitos entre os alunos.

Terminado o ano letivo, eles voltaram para sua escola. Eu e meus colegas permanecemos na mesma instituição de ensino e concluímos o ensino fundamental. De modo que o último ano do fundamental foi tranquilo, sem conflitos.

Como estudávamos praticamente com os mesmos professores, eles algumas vezes relembavam os antigos alunos, com certo alívio por eles não terem vindo estudar em nossa escola naquele ano. Certa vez minha professora comentou que eu tinha feito certo em não me importar com implicância deles comigo. Diziam que eles achavam a escola deles tão superior à nossa, mas na deles não aprenderam nem a respeitar os colegas e professores.

Já no 1º ano do Ensino Médio, mesmo com alguns daqueles estudantes em sala de aula, diminuí um pouco aquele comportamento maldoso. O 2º e o 3º ano também foram de paz, não estudei mais com aquele grupo de alunos, pois, como eram muitos alunos, cada ano era dividido em três turmas, só no 1º ano que estudei com eles.

Concluí o ensino médio, em 2014, próximo ao final daquele ano prestei o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, através dele, tínhamos a oportunidade de entrar no ensino superior, era uma exigência da escola que realizássemos o mesmo, em especial os alunos do 3º ano, de modo que a escola se articulou para fazer a matrícula de todos e nos motivava explicando sobre a importância do mesmo para nossa vida. Como a grande maioria dos alunos daquela escola, assim como eu, eram filhos de agricultores, dessa forma, não tinham como pagar uma universidade privada para os filhos. Quem quisesse seguir para o ensino superior, tinha que estudar para conseguir uma vaga na universidade pública.

Realizei o ENEM em novembro de 2014, não estava muito motivada a ir fazer a prova, mas fui. O resultado da prova do ENEM saiu no início do ano seguinte, então minha irmã, que já estudava na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, realizou minha inscrição no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - BHU, no entanto, fiquei na lista de espera. Quando fui informada que havia conseguido uma vaga na UNILAB (CE), não estava muito decidida em sair de minha cidade e passar a morar em Redenção (sede da citada universidade) e ficar longe da família, mas por saber da dificuldade em conseguir uma vaga no ensino superior e em uma Universidade Federal, resolvi enfrentar o desafio. Por sua vez, meus pais também me incentivaram a assumir essa vaga. Outra questão é que tive oportunidade de morar com minha irmã e outras estudantes, devido ao fato de passar a receber auxílio da Universidade, auxílio para os alunos com alta vulnerabilidade socioeconômica.

Algum tempo depois, quando comecei a pensar em uma temática para trabalhar no Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, fui aconselhada pela orientadora que tratasse de um tema que tivesse relação com minha história de vida e logo me lembrei do meu ensino fundamental, dos conflitos vividos em sala de aula, e principalmente do preconceito ou “Bullying” vivido na escola, sem que os docentes intervissem ou buscassem solucionar tal questão.

Dos tipos de violência, o “Bullying” se apresenta de forma sutil no cotidiano das escolas, sem que pais e educadores possam perceber ou levar em maior consideração as suas consequências aos alunos. O “Bullying” aparece como uma perseguição constante sem

motivo que justifique a ação, comumente parte de um ou mais estudantes, contra outro, por meio de ações com a intenção de humilhar, intimidar, provocar, ameaçar, excluir e difamar o colega.

Minha decisão de abordar a violência no ambiente escolar deve-se ao fato de ter sido vítima da mesma, por ter percebido em meus professores o despreparo para lidar com a violência no ambiente escolar. Sei que os alunos vítimas da violência, muitas vezes, não contam para a família, muito menos para os profissionais da escola. Eu mesma, quando sofri “Bullying” não contei para meus pais, professores, achava que eles não iriam resolver o problema. De acordo com Fante (2005) a dificuldade em reconhecer o “Bullying” pode ocorrer, também, porque as vítimas normalmente sofrem caladas, com medo de expor a situação de repressão e acabam ficando presas a tal violência, acarretando diversas implicações no seu próprio desenvolvimento.

Como estudante, percebo que os professores muitas vezes não dão a devida importância às discriminações e humilhações praticadas pelos estudantes dentro da sala de aula, que se consideram ser superiores a outros, então, começam a discriminá-los e rejeitá-los constantemente, por pertencerem a culturas diferentes das suas, terem formas distintas de se portar.

Para Rolim (2008, p. 43-44),

Por conta de seus valores culturais e de uma insensibilidade compartilhada institucionalmente, professores e membros das direções das escolas têm como “inofensivas” muitas das brincadeiras organizadas pelos alunos, entre elas a de atribuir aos outros apelidos estigmatizantes. Os apelidos, como se sabe, estabelecem uma nova identidade as pessoas, destacando alguma característica tomada como particularmente significativa. Muito raramente, entretanto, tal escolha seleciona uma virtude. Como regra, apelidos destacam o que se imagina ser uma deficiência, ou uma diferença tomada como desvantajosa, ou desonrosa, ou simplesmente, feia. Quase sempre, há algo que se projeta como ridículo ou humilhante na identidade atribuída ao apelidado. Assim, se faz “graça” ao se promover um rótulo pelo qual se deprecia o outro.

Os professores devem estar atentos às necessidades de seus alunos em acompanharem determinado conteúdo, pois as crianças possuem necessidades distintas entre si, nem todas reagem da mesma forma diante de uma situação de conflito. Percebendo que há alunos que estão sofrendo intimidações entre os demais, devem procurar intervir e conscientizá-los que a prática do que eles consideram uma brincadeira, na verdade não é, pois sendo brincadeira todos se divertem, a partir do momento que determinado aluno está sendo

motivo de humilhações e intimidações constantes, entre um grupo ou demais alunos está ocorrendo a prática do “Bullying”. Assim, se todos do ambiente escolar passarem a enxergar e a combater as práticas de “Bullying” entre os estudantes, o ambiente da sala de aula pode ser visto como um local de trocas de conhecimentos entre professores e alunos, podendo transformar-se num espaço instigante, acolhedor, de trabalho sério, organizado e prazeroso.

O desrespeito, a desvalorização do outro, do diferente, acontece de forma frequente em nossa sociedade, quando excluimos as diversidades, acabamos por reproduzir os costumes arraigados da sociedade na qual estamos inseridos. Alguns professores não veem muito êxito em tentar desconstruir as formas de preconceito, a não aceitação das diferenças entre os alunos, o que leva muitas vezes a ocorrer em sala de aula agressões e humilhações, repetidamente. Algumas vezes, os professores e a escola de modo geral, desconhecem o “Bullying” e suas implicações, há professores que mesmo identificando a ocorrência do “Bullying”, não dão a devida atenção e importância para um problema de consequências tão graves, que muitas vezes leva pessoas a cometerem atos impensáveis e destruidores, que acabam por destruir vidas. Acredito que a não intervenção se dá por muitos professores não terem conhecimento sobre o “Bullying”, suas consequências, então não intervêm diante dos casos que presenciam, por isso a importância das pessoas conhecerem o assunto e dá o enfoque merecido. Conforme Silva (2010, p. 79),

A comunidade escolar tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo. A hierarquia escolar compreende os diretores, supervisores, orientadores, professores, inspetores e funcionários que cuidam do espaço físico e de toda a engrenagem funcional e administrativa da instituição. Dentro dessa esfera, todos devem exercer seus papéis de forma eficiente e solidária, para que os alunos possam aprender e praticar todo o conhecimento de que precisarão na caminhada rumo à vida adulta.

Frente às questões acima, este projeto de pesquisa apresenta as seguintes perguntas:

- a) *Como o “Bullying” se faz presente na escola e na sala de aula?*
- b) *Como a escola lida com o “Bullying”?*
- c) *Como as crianças lidam com o “Bullying”?*
- d) *Como as crianças dizem se sentir ao serem vítimas de “Bullying”? Quais as consequências do “Bullying” sobre a autoestima das crianças?*

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabe-se que a prática do “Bullying” no ambiente escolar, não é algo novo e perdura na nossa sociedade, porém, estudos sobre o mesmo só começaram a ser desenvolvidos na década de 1970 por Dan Olweus, então professor na Universidade de Bergen, Noruega, o mesmo iniciou os estudos motivado pelo grande número de suicídios que aconteceram com crianças na Noruega na década de 1970, daí atentou-se para a violência entre os estudantes no ambiente escolar e suas implicações.

Dan Olweus (1993) inicialmente desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma explícita, permitindo, dessa forma, diferenciar o “Bullying” de incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, convenientes do processo de amadurecimento do indivíduo. Olweus pesquisou, inicialmente, cerca de 84 mil estudantes, 300 a 400 professores e em torno de 1000 pais, incluindo vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa foi avaliar a sua natureza e ocorrência.

No Brasil, desde 2001 a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) estuda, pesquisa e divulga os casos de “Bullying”. De novembro e dezembro de 2002 a março de 2003, a Abrapia realizou uma pesquisa com alunos da 5ª a 8ª série de 11 escolas, das quais 9 eram da rede pública de ensino e 2 da rede particular, no Rio de Janeiro, a pesquisa foi realizada através de questionários distribuídos aos estudantes. Participaram da pesquisa 5.482 estudantes, dos quais 2.217, afirmaram ter tido contato direto na prática do “Bullying”, como vítima ou agressor. Das vítimas, 50% afirmaram não contar as agressões aos pais e professores, o que demonstra que muitas vezes, pais e professores não têm conhecimento sobre o que de fato está acontecendo com os alunos no ambiente escolar. De acordo com a pesquisa houve predomínio dos meninos na participação das condutas do “Bullying”. No entanto, as meninas e os meninos se envolvem nas práticas de “Bullying”, porém, as provocações das meninas se dão de forma psicológica, também através da manipulação de colegas contra a sua vítima. A sala de aula foi apontada como o local em que ocorre com mais frequência a prática do “Bullying”. De acordo com Cléo Fante,

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento.

Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying. (FANTE, 2005, p. 28-29).

A entrada do professor, tanto na avaliação quanto na intervenção, é uma das principais formas de buscar diminuir a prática de “Bullying” no ambiente escolar. Por isso, faz-se necessário o conhecimento dos professores sobre as principais formas de ocorrência do “Bullying”, em especial na sala de aula, que no Brasil é o ambiente onde ocorre de maneira mais recorrente os casos. Os professores ao terem conhecimento do “Bullying”, como o mesmo ocorre e os problemas que causam a pequeno ou longo espaço de tempo, devem intervir de maneira a tentar minimizar o problema e conscientizar os alunos de suas consequências.

Buscar soluções para o problema não é dever só do professor, mas também da escola e da família, pois muitas vezes os pais não sabem que seus filhos estão sendo vítimas de violência no ambiente escolar, logo no ambiente que eles consideram que seus filhos estão “protegidos” da violência, eles estão sendo vítimas de uma violência que pode lhes deixar marcas por longos períodos, as práticas de “Bullying”, a qual muitas vezes os alunos se veem impossibilitados de contar que estão sendo vítimas e o que está ocorrendo, devido as ameaças de seus agressores, devido também a muitos pais na correria do dia a dia não se darem conta da mudança de comportamento dos filhos. Isso se dá porque na maioria das vezes pelo fato de os pais não terem o mínimo conhecimento do problema. Dessa forma a escola deve tentar conscientizar pais e professores a respeito do “Bullying” no ambiente escolar.

A agressividade nas escolas é um problema universal, O bullying e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência. O bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra mais poderosa. Tanto o bullying como a vitimização têm consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores. (LOPES, 2005, p. 165).

Há estudantes que colocam apelidos pejorativos que causam danos ao indivíduo tido como mais frágil, pela maneira de portar-se, falar, por apresentar uma determinada característica física diferente em relação aos demais. De acordo com Silva (2010, p. 23-24) as formas de “Bullying” são:

VERBAL

- Insultar
- Ofender
- Xingar
- Fazer gozações
- Colocar apelidos pejorativos
- Fazer piadas ofensivas
- “Zoar”

FÍSICO E MATERIAL

- Bater
- Chutar
- Espancar
- Empurrar
- Ferir
- Beliscar
- Roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima
- Atirar objetos contra as vítimas

PSICOLÓGICO E MORAL

- Irritar
- Humilhar e ridicularizar
- Excluir
- Isolar
- Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso
- Discriminar
- Aterrorizar e ameaçar
- Chantagear e intimidar
- Tiranizar
- Dominar
- Perseguir

- Difamar
- Passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo
- Fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas)

SEXUAL

- Abusar
- Violentar
- Assediar
- Insinuar

A escolha da temática a ser trabalhada neste projeto, deu-se por perceber através de jornais, meios de comunicação, que o “Bullying” estar bastante presente no cotidiano das escolas, afetando a vida de muitos estudantes, causando-lhes traumas e consequências a longo prazo, pensando nisso, com esse projeto irei pesquisar como o “Bullying” faz parte da rotina dos estudantes, como a escola trabalha com os alunos em relação ao mesmo, a fim de entender as consequências que acarreta na vida dos envolvidos.

Diante dessa violência que assola a escola: o “Bullying”, a mesma deve estar atenta para os casos que a permeiam e suas consequências, a escola deve conscientizar os pais dos alunos e professores sobre o “Bullying”, a fim de evitar suas consequências danosas. Porém, como dito anteriormente, muitas vezes os professores desconhecem o assunto ou não dão o enfoque merecido. A conscientização é importante, ao passo que quanto mais pessoas tiverem conhecimento sobre o assunto, e quanto mais a mídia divulgá-lo, a sociedade ficará consciente desse mal e de suas consequências.

Nossa visão da realidade está marcada por julgamentos, preconceitos, para desenvolvermos a capacidade de pensar de forma crítica e autônoma precisamos nos afastar de muitas dessas coisas temporariamente, assim podemos comparar como pensávamos antes e chegarmos a novas conclusões. Dessa maneira formamos novos valores ou mantemos os que considerarmos que são importantes para nossas vidas.

A escola, juntamente com os professores deve desenvolver ações que permitam a interação entre todos os seus componentes para que, dessa forma, todos conheçam os diferentes costumes e tradições pertencentes as pessoas inseridas nesse meio e tentem conviver da maneira mais harmoniosa possível, cientes de que todos devem aprender a conviver e aceitar o diferente, pois sempre haverá pessoas com costumes e opiniões contrárias as nossas, que merecem respeito e atenção. Espera-se do professor em sala de aula, que o

mesmo assuma o papel de educador frente a seus alunos e juntamente com eles, promova a interação entre os conhecimentos. Assim,

O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente, nos dedicar. (FREIRE, 2014, p. 18).

Sabe-se que muitas vezes os professores encontram-se sobrecarregados do trabalho, porém, isso não deve ser desculpa que ao se presenciarem casos de “Bullying”, essa forma de violência sem justificativa, o mesmo não intervenha da melhor forma possível, pois enquanto profissional formador da educação, deve-se prezar pela boa formação psíquica do educando, a fim de que os anos passados no ambiente escolar não tragam traumas. A escola como um dos espaços que interfere muito no processo de construções das identidades, deve proporcionar a seus alunos uma formação de qualidade, não só quanto aos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, mas a formação psíquica. Também é dever da família como um fator de proteção social, como a escola e os amigos, ficar mais atenta aos comportamentos e atitudes do jovem, através de intervenções adequadas é possível evitar as graves consequências do “Bullying”. Assim,

É imprescindível que o profissional de educação, ao qualificar qualquer aluno como violento ou agressivo, considere os inúmeros fatores que recaem sobre suas relações interpessoais. Certas ocorrências, consideradas como “problemas de indisciplina” ou “brincadeiras próprias da idade”, podem na verdade ser fonte causadora de grande sofrimento a muitos alunos, com prejuízos emocionais irreparáveis pelos traumas e sequelas que causam ao seu aparelho psíquico e pelos prejuízos proporcionados ao seu desenvolvimento socioeducacional. (FANTE; PEDRA *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 157).

Destarte, enfatizo, mais uma vez, que este projeto de pesquisa tem o objetivo de refletir sobre o “Bullying” na escola e a importância da mesma combater atitudes relacionadas ao “Bullying” entre os alunos e promover a conscientização para o respeito com os colegas.

Ao decidir um tema para um projeto de pesquisa, naturalmente a escolha dar-se por meio de temas que fizeram ou fazem parte da vida do estudante, o estudante não irá escolher um tema que não lhe cause inquietações, por perceber que o assunto se faz presente na sociedade na qual está inserido, porém, muitas vezes é tido como irrelevante, com a violência

no ambiente escolar não é diferente, percebe-se que a mesma faz-se presente no nosso cotidiano, na mídia televisiva vê-se enfoque ao problema quando acontecem casos que assustam a população, como casos em que ex-estudantes invadem escolas onde estudaram, como uma forma de vingar-se de humilhações sofridas no período escolar, acabam tirando a vida das pessoas que estão nesse meio e também a própria vida. De acordo com Silva (2010, p. 66),

O aumento do comportamento agressivo entre os adolescentes é dos um dos fenômenos que mais preocupam e angustiam os pais e todos que, de forma direta ou indireta, lidam ou se ocupam com os jovens. A agressividade entre eles pode se manifestar das mais diversas formas, desde pequenos conflitos verbais entre indivíduos e/ou grupos até brigas físicas e violentas geradas pelas razões mais fúteis possíveis. São visíveis os abusos e arbitrariedades dos “mais fortes” em relação aos mais frágeis, através de intimidações psicológicas e físicas, humilhações públicas, comentários maldosos, difamações, intrigas e até as mais variadas formas de violência propriamente dita.

5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na presente proposta de pesquisa será, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica sobre o “Bullying” no ambiente escolar, para entender como historicamente esse fenômeno ocorre e permeia o dia a dia dos estudantes no seu processo de educação escolarizada. Depois, irei a campo, especificamente a uma escola do ensino fundamental I, no município de Redenção – CE, para entender como esse fenômeno se manifesta na sala de aula atualmente, para isso, utilizarei o método de observação não participante, que Marconi e Lakatos (2010, p. 176) dão a seguinte definição, “Na observação não participante, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora.” Assim, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 176),

Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático.

Ou seja, assistirei algumas aulas de uma determinada turma desta escola e tentarei identificar as manifestações de “Bullying” e como elas se apresentam. Também farei entrevistas com alunos, professores e demais funcionários da escola para compreender como

eles percebem o “Bullying” e como intervém nos casos, no caso dos estudantes, as entrevistas também abordarão se estes já sofreram “Bullying” ou se já presenciaram.

6. RESULTADOS ESPERADOS/RELEVÂNCIA SOCIAL

Considero relevante a pesquisa sobre a ocorrência de “Bullying” no contexto escolar, pois a mesma propiciará maior conhecimento sobre o “Bullying” e ao obterem conhecimento sobre uma forma de violência que causa tanta dor e angústia como o “Bullying”, os professores poderão intervir de forma a minimizar a ocorrência dessa violência “velada” entre seus alunos, sendo que o “Bullying” é apontado por especialistas como o responsável por diversas tragédias em escolas no mundo, no Brasil não ocorre diferente, tragédias no ambiente escolar evidenciam o quão importante para a comunidade escolar intervir ao se deparar com o “Bullying”, não só intervir, como também desenvolver junto aos educandos ações que os conscientizem a conviver com os conflitos próprios da convivência em sociedade, respeitando o colega, independente de suas características físicas, da forma de porta-se, conscientiza-los sobre o quanto apelidos pejorativos magoam, como a exclusão interfere no desenvolvimento do indivíduo, no meio escolar ainda mais, pois é neste ambiente que o aluno desenvolve interações por meio da convivência com pessoas distintas, com diferentes comportamentos e atitudes, frente a isso, é necessário que haja uma boa convivência entre todos que se encontram inseridos neste ambiente. Evitando-se comportamentos excludentes, humilhantes, que comprometam o desenvolvimento psicológico do indivíduo. Assim,

A observação dos alunos por parte do corpo docente de uma escola é muito importante no combate à prática do bullying, visto que, após feita a análise comportamental dos agressores e agredidos pelos professores, já que são estes que passam a maior parte do tempo com os alunos no colégio, poderão estudar uma melhor forma de solução, juntamente com um profissional de saúde mental (se for o caso), frente à problemática das agressões sistemáticas entre os discentes, evitando que o bullying se dissemine e ganhe força e, assim, não mais ceife o sonho de muitos outros educandos. (FARIAS, 2016, p. 81).

A normalidade que muitas vezes dar-se a ocorrência do “Bullying” na sala de aula causa preocupação, porque hoje vemos o “Bullying” tomando proporções drásticas, o que reforça a necessidade de combater o que leva ao desenrolar dessa violência tão danosa. Por ser na escola, onde o indivíduo começa a conviver com diferentes pessoas, com formas distintas de ser, agir e está presente naquele ambiente, acabam surgindo em seu interior

conflitos entre estudantes que necessitam de uma intervenção, muitas vezes ficando essa tarefa para o professor, por ser ele quem passa o maior tempo com as crianças em sala de aula, onde se iniciam as aparentes intrigas dos colegas. Conforme Chalita (2008, p. 70),

O grande desafio do educador é convencer o educando a valorizar o bem comum, a boa convivência, a responsabilidade partilhada, na esperança de um mundo cada vez melhor para esta e para as gerações que virão. A ganância, em qualquer profissão ou ocupação, é obstáculo para o exercício da cidadania. Quem tudo quer não se preocupa com o outro, acaba se trancafiando em seus interesses e fazendo mal a si e ao semelhante porque também não foi educado para viver eticamente.

Este trabalho proporcionará uma maior reflexão sobre o quão sério é o fenômeno “Bullying”, que se faz presente de forma assustadora nas escolas, causando dor e sofrimento nas vítimas que muitas das vezes sofrem agressões, mas não encontram motivação para buscar ajuda da escola, da família, sofrendo caladas na expectativa que os agressores deixem de prosseguir-las. Para Fante e Pedra,

No caso dos envolvidos em Bullying, principalmente os que foram vitimizados, sendo expostos a situações intimidatórias e constrangedoras, pode ocorrer a formação de uma estrutura psicológica caracterizada por auto-estima rebaixada e inabilidades relacionais. Eles poderão ter suas mentes dominadas por pensamentos e emoções marcadas por excessiva insegurança, ansiedade, angústia, medo, vergonha, etc., prejudicando sua capacidade de raciocínio e aprendizado, favorecendo o surgimento de um perfil emocional, que, aos olhos do agressor, caracteriza-se como alguém que não oferecerá resistência aos seus ataques. Nesse caso, o indivíduo poderá ter comprometimentos no desenvolvimento da inteligência, da capacidade de criatividade e liderança, bem como sérios problemas no desenvolvimento afetivo, familiar, social e laboral. (FANTE E PEDRA *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 85).

Nos casos de “Bullying”, muitas das vezes as agressões ocorrem de forma constante e não há muitas ações com o intento de minimizar a violência, as pessoas presentes no entorno da escola nem sequer percebem, muitas vezes só os estudantes tem conhecimento das agressões e muitos tem receio de denunciar o agressor, temendo ser a próxima vítima, levando muitas vezes a vítima pedir aos pais para a colocarem em outra escola, na expectativa de dar fim as perseguições, mas na maioria das vezes mudar de escola não resolve, sempre havendo um grupo disposto a começar com piadas e gozações constantes, aumentando o desespero do aluno alvo do “Bullying”. De acordo com Isolan (2014, p. 76-77),

Os programas anti-bullying devem ser planejados e estruturados para compreenderem as escolas como sistemas dinâmicos e complexos levando em conta as características sociais, econômicas e culturais de cada escola. A escola deve ser encorajada a traçar um panorama do bullying no seu ambiente para determinar a prevalência e a gravidade do problema. O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos anti-bullying. A participação de todos os envolvidos é crucial para o estabelecimento de regras, diretrizes e ações uniformes e coerentes. Tais medidas devem priorizar a conscientização geral dessa forma de violência, bem como o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam compreendidas e protegidas. Além disso, a conscientização e a utilização de medidas educativas dos agressores sobre a natureza de suas ações e a garantia de um ambiente seguro também devem ser prioridades.

Causa indignação que mesmo o “Bullying” sendo um problema global muitas escolas não atentam para o mesmo e suas consequências, quando a escola e a família deveriam juntas tentar ao máximo conscientizar os alunos e a sociedade sobre as consequências do “Bullying”.

De acordo com Silva (2010), a ação das escolas perante o assunto ainda está em fase embrionária. A maioria absoluta não está preparada para identificar e enfrentar a violência entre seus alunos ou entre alunos e o corpo acadêmico. Essa situação se deve a muito desconhecimento, muita omissão, muito comodismo e uma dose considerável de negação da existência do fenômeno. O que acaba levando muitos estudantes, na tentativa de acabar com o problema, abandonarem a escola, outros cometem suicídio, causando grande desespero em seus familiares que só atentam para a gravidade do problema quando seu filho já não está mais com vida, o que leva os pais a entrar em grande desespero, não se conformando com a perda do filho.

Estamos inseridos em uma sociedade capitalista e preconceituosa o que acaba por contribuir para que a violência entre pares na escola acabe sendo tida como “normal”, mas não é normal excluir, perseguir, humilhar com palavras e olhares o colega só por ele não ser como a maioria da turma ou não agir como querem lhe impor. Na atual sociedade, muitas vezes querem impor padrões de beleza, comportamento, o que de forma direta ou indireta acaba contribuindo para a prática do “Bullying”. Silva (2010, p. 13), enfatiza que,

O individualismo, cultura dos tempos modernos, propiciou essa prática, em que o ter é muito mais valorizado que o ser, com distorções absurdas de valores éticos. Vive-se em tempos velozes, com grandes mudanças em todas as esferas sociais. Nesse contexto, a educação tanto no lar quanto na escola se tornou rapidamente ultrapassada, confusa, sem parâmetros ou limites. Os pais passaram a ser permissivos em excesso e os filhos cada vez mais

exigentes, egocêntricos. As crianças tendem a se comportar em sociedade de acordo com os modelos domésticos. Muitos deles não se preocupam com as regras sociais, não refletem sobre a necessidade delas no convívio coletivo e, nem sequer se preocupam com as consequências dos seus atos transgressores. Cabe à sociedade como um todo transmitir às novas gerações valores educacionais mais éticos e responsáveis. Afinal, são estes jovens que estão delineando o que a sociedade será daqui em diante. Auxiliá-los e conduzi-los na construção de uma sociedade mais justa e menos violenta, é obrigação de todos.

Na mídia, vemos maior destaque ao problema quando alunos ou ex-alunos entram em escolas onde estudam ou estudaram e cometem atos desastrosos. Alguns já noticiados pela mídia foram:

Em janeiro de 2003, a cidade de Taiuva, no interior de São Paulo, foi palco de grande tragédia. O jovem Edimar de Freitas, de 18 anos, entrou armado na escola em que havia concluído o ensino médio. Abriu fogo contra cinquenta pessoas que estavam no pátio. Feriu oito e se matou em seguida. Segundo as investigações, a barbárie foi motivada pelos constantes apelidos e humilhações que Edimar recebia por ser obeso. Ex-colegas do rapaz disseram que ele prometia vingança, afirmando que todos iriam se arrepender. (SILVA, 2010, p. 118-119).

Na cidade de Remanso, norte da Bahia, a 650 quilômetros de Salvador, o ano de 2004 também foi marcado por um caso semelhante, envolvendo condutas de bullying. Após muitas humilhações e depois de receber baldes de lama sobre sua cabeça, um rapaz, de 17 anos, matou duas pessoas e feriu mais três. O jovem também tentou suicídio, mas foi impedido e desarmado. (SILVA, 2010, p. 119).

Acontecimentos como esses repercutem internacionalmente, sendo muitas vezes usados como exemplo por estudantes que acabam tirando a vida de outros em escolas, dizendo que queriam se vingar dos constrangimentos sofridos na escola. As pessoas acabaram por naturalizar muito os acontecimentos como os citados acima, não se vendo ações direcionadas para a busca de soluções para as constantes humilhações sofridas por estudantes.

A frequência com que os episódios de violência ocorrem faz que não nos surpreendamos mais com notícias que antes nos causavam indignação. Esse processo de banalização gradativa desfaz a importância que se dá ao acontecimento e, paralelamente, proporciona a sua intensificação e o aparecimento de formas mais elaboradas e graves de bullying. (RISTUM, 2010, p. 108).

Na escola deve-se lançar uma educação voltada para a paz, onde as crianças aprendam a tolerar, conviver pacificamente umas com as outras, ao aprender na escola a

respeitar e conviver com as diferenças elas podem levar para casa esse aprendizado, dessa forma, o ambiente familiar das crianças será acolhedor, mas é de fundamental importância a escola convocar os responsáveis pela criança para participar de sua vida escolar, a participação da família em programas promovidos pela escola voltados para o respeito as diferenças e valores de cada um, pois de nada adiantará um trabalho que incentive o respeito só com as crianças, se em casa as mesmas vivenciarem um ambiente de violência, com brigas constantes.

Frente às questões aqui apresentadas, é importante salientar que o “Bullying” é um problema de todos, da escola, da família e da sociedade no geral, assim, para que esse problema seja amenizado ou mesmo extinto do ambiente escolar se faz necessário uma união de todas essas instituições em políticas de combate ao “Bullying”, para que toda a sociedade tenha consciência que podemos promover uma educação que promova a solidariedade e a autonomia dos estudantes e não violências que atingirão todo o seu desenvolvimento na vida.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Deborah Christina; SOARES ZUIN, Antônio Álvaro. Do Bullying ao Preconceito: Os Desafios da Barbárie à Educação. **Psicologia & Sociedade**. Minas Gerais, v. 20, nº 1, p. 33-41, jan./abr. 2008.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004. (Edição revista e atualizada.).

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Versus Editora, 2005.

FARIAS, Moisés Rocha. Bullying Escolar: Uma Ferida Aberta Na Sociedade. **Revista Expressão Católica**. Quixadá, v. 5, nº 1, p. 77-84, jul./dez. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

ISOLAN, Luciano. Bullying escolar na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre. v. 16, nº 1, 2014, p. 68- 84.

LOPES NETO, A. A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro, 2005.

MALTA, Deborah Carvalho. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.

15, nº 2, p. 3065-3076, out. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63019111008>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, Juliani Sueke de. Bullying: algumas contribuições para o enfrentamento desse fenômeno no 7º ano do Ensino Fundamental. In: PARANÁ. **Secretaria de Estado da Educação**. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. v. 2. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_ped_pdp_juliani_sueke_de_oliveira.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, SG; CONSTANTINO, P; AVANCI, JQ (Orgs.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119.

ROLIM, Marcos. **Bullying: o pesadelo da escola**. Um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Porto Alegre, 2008, 174 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____. **Bullying: cartilha 2010**. Projeto justiça nas escolas. Brasília, 2010.